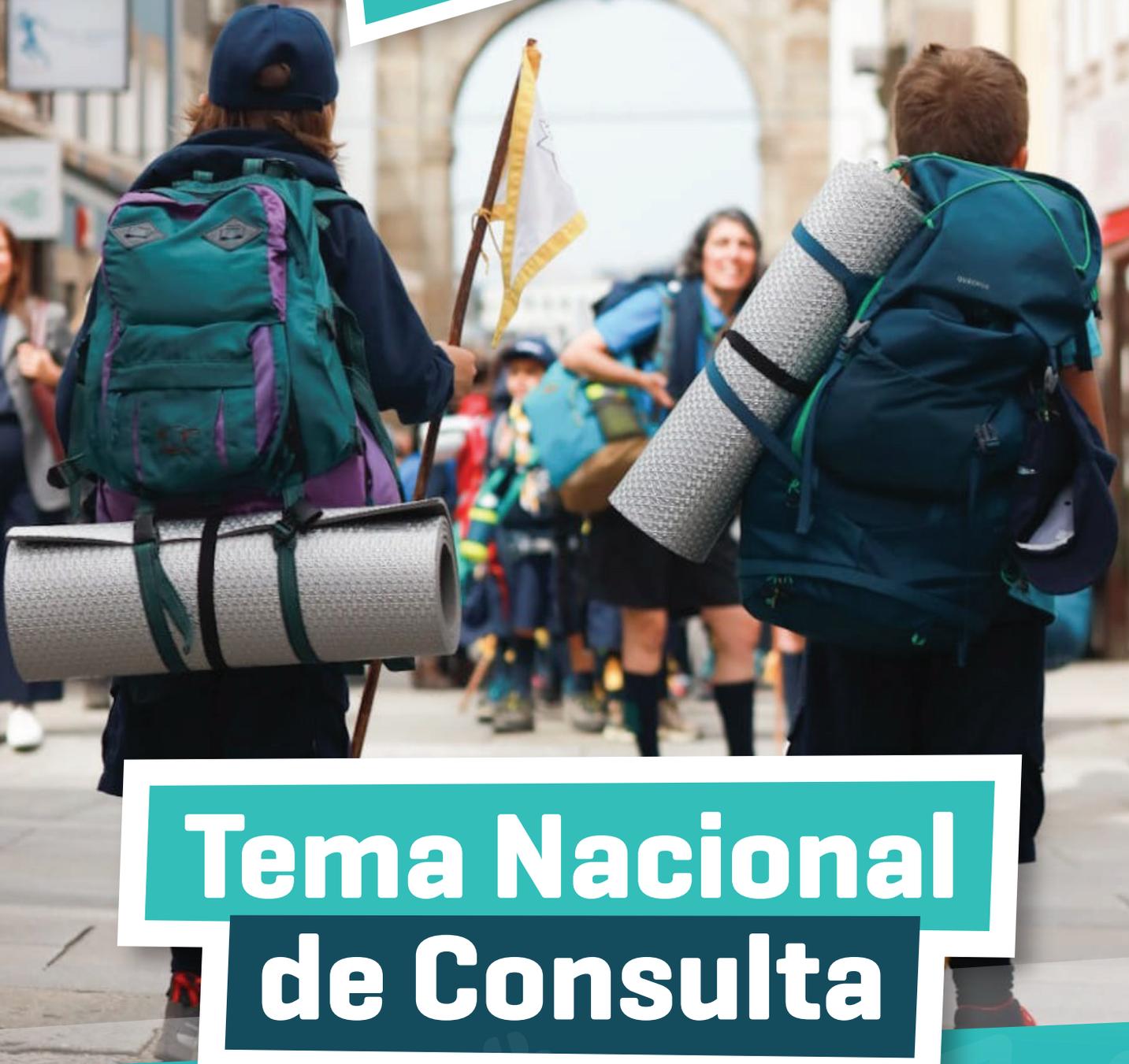


2024



Encontro Nacional
de **Guias**



**Tema Nacional
de Consulta**



ESCUTISMO
CORPO NACIONAL DE ESCUTAS



INTRODUÇÃO / ENQUADRAMENTO

“Todos, todos, todos”

“Amigos, quero ser claro convosco, que sois alérgicos à falsidade e às palavras vazias: na Igreja há espaço para todos. Para todos. Na Igreja, ninguém é de sobra. Nenhum está a mais. Há espaço para todos. Assim como somos. Todos. Jesus di-lo claramente. Quando manda os apóstolos chamar para o banquete daquele senhor que o preparará, diz: «Ide e trazei todos», jovens e idosos, são, doentes, justos e pecadores.

Todos, todos, todos! Na Igreja, há lugar para todos. «Padre, mas para mim que sou um desgraçado, que sou uma desgraçada, também há lugar?» Há espaço para todos! Todos juntos... Peço a cada um que, na própria língua, repita comigo: «Todos, todos, todos». (...) E esta é a Igreja, a Mãe de todos. Há lugar para todos. (...)”

Discurso do Santo Padre, Parque Eduardo VII, Lisboa

3 agosto 2023 -JMJ

A necessidade da inclusão é uma caminhada que transcende fronteiras e abraça a humanidade em toda a sua diversidade. A frase inspiradora do Papa "Todos, todos, todos" ecoa não apenas nas paredes da Igreja, mas ressoa como um apelo universal à igualdade e à aceitação, independentemente da nossa origem, crenças, condição ou história.

A inclusão é um valor que permeia não apenas as instituições religiosas, mas também a sociedade como um todo, na qual nos inserimos. Ela exige que reconheçamos o valor intrínseco de cada indivíduo, de cada escuteiro, celebrando a riqueza da diversidade de experiências e perspetivas. A visão do Papa de uma Igreja que acolhe a todos, do jovem ao idoso, do justo ao pecador é um lembrete poderoso de que a inclusão não é uma mera ideia abstrata, mas uma necessidade humana fundamental.

Neste contexto, e em resposta também àquilo que tem sido a vontade expressa pelos Guias nos últimos Encontros Nacionais no que toca a temas que gostariam de abordar, exploraremos a importância da inclusão nos nossos agrupamentos, núcleos, regiões, e na sociedade em geral. Abordaremos como a inclusão enriquece as nossas vidas, mas também promove a justiça, a compreensão mútua e a paz. Além disso, ainda iremos refletir e analisar como podemos aplicar os princípios de inclusão no mundo atual, à luz do nosso quadro de valores, criando ambientes onde "Todos, todos, todos" sejam não apenas palavras, mas uma realidade para todos nós.

O que é a Inclusão?

Inclusão

nome feminino

1. ato ou efeito de inserir ou acrescentar
2. corpo ou coisa incluída
3. *CITOLOGIA* produto inerte que se encontra no citoplasma de uma célula, e que foi elaborado por esta
4. *HISTOLOGIA* operação de técnica que consiste em introduzir numa substância especial, que serve de suporte, o objeto que se deseja ao micrótomo, o qual se deixa cortar pela faca deste

Infopédia

Inclusão é o **ato de incluir e acrescentar**, um **ato de igualdade entre os diferentes indivíduos**, que, permite que todos tenham o direito de integrar e participar das várias dimensões do seu ambiente, sem sofrer qualquer tipo de discriminação ou preconceito.

A inclusão é um movimento educacional, social e político, que defende o direito de todos os indivíduos participarem, de forma consciente e responsável, na sociedade de que fazem parte, e de serem aceites e respeitados naquilo que os diferencia dos outros.

Em oposição à Inclusão e, talvez, ajudando a melhor entender o conceito, encontramos a exclusão, o deixar alguém de fora. De forma consciente ou de forma involuntária. Devido a características que são inatas à pessoa excluída, às suas crenças, sensibilidades e/ou circunstâncias.





A Inclusão no CNE

Todos.

Rapazes e raparigas (ainda que estas, 'apenas' há pouco menos de 50 anos). Crianças, adolescentes, jovens adultos e adultos já não tão jovens. Altos e baixos. Leves e pesados. De pele escura e de pele clara. Faladores e acanhados. Atlético e intelectuais. Ricos, pobres e remediados. Líderes e seguidores. Com jeito e sem jeito.

Todos. Todos têm lugar no CNE.

Com síndrome de Down, com autismo, cegos, surdos, de cadeira de rodas. Os não batizados na Igreja Católica e os ainda não completamente crentes. Os que moram naquele bairro ao lado do nosso, com hábitos e formas de estar algo distantes da nossa. Os que só na escola conseguem ter uma refeição decente. Os que vivem a sua afetividade e sexualidade de uma forma diferente da maioria.

Também têm todos estes um lugar no CNE? Sim, todos. Mas...

O CNE trabalha com as suas crianças e jovens segundo o Método Escutista, proposto por Lord Baden Powell, e à luz do Evangelho, procurando, no cumprimento da sua missão, ser fator de inclusão e um meio promotor do desenvolvimento pessoal e social. Assim, entende e defende que cada pessoa é única, criada à semelhança de Deus, com as suas características, maneiras de ser e de estar específicas. E que, posto isto, cada um deve ser amado e respeitado dentro e fora do Movimento, não devendo ser discriminado pelas suas diferenças.

A relação entre o Escutismo, a Lei do Escuta, a Promessa e a preocupação com os outros pode ser descrita pelos princípios e valores estabelecidos pelo fundador, Baden-Powell (B.P.). A Lei e a Promessa constituem o ideário fundacional e fundamental do Escutismo, agregando e apresentando os valores por este preconizados para toda a fraternidade mundial. Toda a Lei do Escuteiro, é inclusiva! Desde o 1º Artigo que refere que "A Honra do Escuta inspira confiança" ao último "O Escuta é puro nos pensamentos, nas palavras e nas ações." Este cuidado com o outro, a preocupação de todos juntos formarmos um só "corpo", está explícita também na nossa fórmula da Promessa: "Auxiliar o meu semelhante em todas as circunstâncias."

O CNE há muitos anos que trabalha no sentido de endereçar o 'Mas...' da resposta à pergunta formulada acima, reconhecendo que há diferenças que podem ser mais complexas de incluir - porque os espaços não estão adaptados, porque os animadores não estão preparados, porque o custo de vida está elevado para tudo e todos, porque os temas são sensíveis e não sabemos como lhes pegar - mas que nem por isso devem ficar à margem.

Assim, as equipas dedicadas ao tema da Inclusão e Diversidade vão sendo uma realidade, do nível Nacional ao das Regiões e Núcleos, no sentido de apoiar, da melhor forma possível, quem tem efetivamente o grosso do trabalho de incluir, no dia-a-dia: os agrupamentos e respectivas unidades.

No mesmo sentido, o CNE já publicou três posicionamentos institucionais e pedagógicos, dedicados ao tema: sobre a inclusão **socioeconómica**, das **pessoas portadoras de deficiência** (ou Necessidades Educativas Especiais, à época) e da **vivência da afetividade e sexualidade**. E alterou, em julho deste ano, o seu Regulamento Geral, abrindo a possibilidade de aceitar à Promessa, elementos ainda não batizados na Igreja Católica.

Teremos, ainda assim, uma enorme margem de progressão no tema, como aliás o demonstra o facto de este ser um dos temas recorrentemente mais solicitados pelos participantes nos Encontros Nacionais de Guias, para discussão em edições seguintes e em todas as suas vertentes: socioeconómica, da pessoa portadora de deficiência, religiosa e da afetiva.

“Gerar e sustentar comunidades inclusivas significa, então, eliminar toda a discriminação e satisfazer concretamente a necessidade de cada pessoa de se sentir reconhecida e de se sentir parte. Não há inclusão se faltar a experiência de fraternidade e comunhão mútua. Não há inclusão se continuar a ser um slogan, uma fórmula a ser utilizada no discurso politicamente correto, uma bandeira a ser apropriada. Não há inclusão se não houver conversão nas práticas de coexistência e relações”

(Papa Francisco)



Finalidades

- Consciencializar as crianças, jovens e adultos da Associação para o tema da Inclusão, nas suas várias vertentes.
- Perceber qual a posição das nossas crianças e jovens face às questões relacionadas com a inclusão / diversidade.
- Procurar aferir, a partir da realidade concreta dos Agrupamentos, de que forma o tema é trabalhado, nos diferentes níveis.
- Promover a partilha de preocupações, vivências e boas-práticas.
- Estabelecer bases para um trabalho consequente sobre o tema, nomeadamente no preenchimento de lacunas que venham a ser identificadas, com vista a um CNE mais inclusivo.

Tópicos para Reflexão/Discussão

Apresentamos de seguida alguns exemplos de questões que poderão ser lançadas em cada secção, de modo a promover a reflexão e discussão, nos diferentes níveis.

São sugestões que tentam abrir caminho, procurando ser abrangentes no que toca às diversas vertentes do tema que queremos abordar, podendo ser adaptadas de acordo com cada contexto específico.

É importante, no entanto, que não se fuja a nenhum dos temas, mesmo aqueles com os quais se possa não estar tão à vontade.

I Secção

1. Conheces algum episódio da história de Mógli que fale de Inclusão e/ou Exclusão? Quem o incluiu? Quem o queria excluir e porquê?
2. O que teve Mógli de aprender para ser aceite por aqueles que não o conheciam?
3. Achas que os bandos deviam ser formados só com os teus amigos? Achas que funcionavam melhor ou que aprendias mais?
4. Mógli tinha amigos que eram diferentes dele? De que forma é que isso o beneficiava ou prejudicava?
5. Como foi o regresso de Mógli à Aldeia dos Homens? O que aconteceu e porquê?
6. Mógli teve de aprender a viajar pela Selva, com todos os seus obstáculos. A tua sede será uma 'selva' para lobitos portadores de deficiências físicas? Está preparada para os receber?
7. Os lobitos portadores de deficiência (física ou intelectual) conseguem participar em todas as atividades na tua alcateia, agrupamento, núcleo ou região? Se achas que não, o que seria preciso mudar para que isso acontecesse?
8. A tua alcateia ou agrupamento tem um Banco de Fardas? Para que achas que serve?
9. Fazem angariações de fundos para que todos possam participar nas atividades?
10. No teu bando todos os lobitos são batizados e andam na catequese? Os que não são batizados, estão a preparar-se para o ser?
11. No teu Agrupamento há meninos que tenham vindo de outro país? Como os receberam? O que aprenderam?
12. A família que Mógli encontrou na Selva era diferente daquela em que tinha nascido. Conheces outros meninos / meninas com famílias diferentes da tua?

II Secção

1. Em que momentos e/ou lugares já ouviste falar em Inclusão?
2. Para ti o que significa Inclusão? É uma coisa boa ou má?
3. Acreditas que há pessoas tão diferentes de ti que não te podes relacionar com elas? Se sim, que diferenças são essas?
4. Achas que a tua Expedição se divide informalmente por grupos, que não sejam as patrulhas? De que forma é que isso acontece?
5. Consegues indicar três motivos que podem fazer com que um elemento do teu agrupamento se sinta excluído?
6. Tens colegas na escola que achas que não seriam de alguma forma bem-vindos nos escuteiros? Se sim, porquê?
7. Achas que há pessoas que, pelas suas limitações (físicas ou intelectuais), não deveriam fazer parte do CNE? Quais e porquê?
8. Se quisesses fazer uma atividade escutista, com pernoita e um raid com códigos e cifras, cuja participação está aberta a todos os alunos do teu ano, para além do número de pessoas, que outros obstáculos estarias à espera de encontrar?
9. Estás disponível para mudar as tuas atividades escutistas para que alguém que tem uma deficiência motora consiga participar?
10. Consideras-te uma pessoa paciente se tiveres um elemento da tua Patrulha que demore mais tempo a perceber os desafios que são propostos no decorrer das atividades?
11. Sentes que os teus chefes não são sensíveis a algum tipo de diferenças? Se sim, quais?
12. Achas que as tuas decisões sobre quem gostas ou não gostas são bem recebidas na tua Expedição? Quais achas que não seriam bem recebidas?



III Secção

1. Para ti o que significa Inclusão? É uma coisa boa ou má? Porquê?
2. Alguma vez te sentiste excluído de um grupo ou situação? Porquê?
3. A tua Unidade divide-se informalmente por grupos, que não sejam as equipas? Como é que se divide? Fica alguém sozinho? Consegues indicar 3 motivos que podem fazer com que um elemento do teu agrupamento se sinta excluído?
4. Acreditas que há pessoas tão diferentes de ti que não te podes relacionar com elas? Se sim, que diferenças são essas?
5. Achas que deveríamos acolher todos os que queiram pertencer ao CNE? Se sim, como achas que podes contribuir para ninguém ficar excluído? Se não, quem achas que não deveria ser acolhido no CNE? Por exemplo, tens colegas na escola que achas que não seriam de alguma forma bem-vindos no CNE? Porquê?
6. Achas que há pessoas que, pelas suas limitações (físicas e/ou intelectuais), não deveriam fazer parte do CNE? Quais e porquê?
7. As diferenças físicas/intelectuais de outros escuteiros são uma mais-valia ou um obstáculo àquilo que tu esperas do escutismo ?
8. De que maneira teriam de mudar as tuas atividades escutistas e/ou os espaços onde se realizam, para conseguirmos incluir todos no CNE? Consegues dar exemplos concretos?
9. Já viveste ou testemunhaste alguma situação de exclusão nos escuteiros, por motivos financeiros? Como se podem combater essas situações?
10. Como achas que deve ser acolhido no CNE um jovem de outra nacionalidade, cultura ou religião que pretenda integrar os escuteiros? Há situações 'impossíveis'?
11. Sentes que os teus chefes não são sensíveis a algum tipo de diferenças? Se sim, quais?
12. Na tua unidade/agrupamento existe um ambiente de aceitação de diferença nas relações de afetividade pessoal?

IV Secção

1. Na JMJ de 2023, o Papa Francisco disse que: "Na igreja há espaço para todos. E, quando não houver, por favor façamos com que haja, mesmo para quem erra, para quem cai, para quem sente dificuldade. Todos, todos, todos." Achas que esta mensagem do Papa Francisco se aplica no CNE? Como poderá o CNE ser um espaço acolhedor e inclusivo para todos os membros?
2. No Clã há elementos que se sentem mais isolados ou à parte? Como lida o Clã com isso? Qual deverá ser o papel do CNE no combate à exclusão e ao isolamento social entre os jovens?
3. O CNE promove a amizade e o respeito entre os escuteiros, independentemente das suas diferenças? De que forma? Se não, como o deveria fazer?
4. Como podemos promover uma mentalidade de inclusão e igualdade no CNE, independentemente das capacidades individuais?
5. Os escuteiros portadores de deficiências são incluídos em todas as atividades do CNE? Se sim, de que forma? Se não, devem ser? E o que podemos fazer para que isso aconteça?
6. Que respostas é que o CNE deverá dar a um escuteiro portador de deficiência com mais de 22 anos? E se for um dirigente?
7. De que forma a inclusão de escuteiros portadores de deficiência contribui para o enriquecimento do CNE como um todo?
8. Conheces escuteiros que tenham dificuldade em participar nas atividades, por motivos financeiros? De que forma podemos promover a partilha de recursos e a solidariedade entre os membros do CNE?
9. Deve o CNE promover o diálogo inter-religioso e intercultural? Se sim, como o pode fazer? Se não, porquê?
10. O CNE deverá acolher jovens de outras nacionalidades, etnias ou credos? Se sim, quais os maiores desafios e como poderá o CNE dar resposta? Haverá situações 'impossíveis'?
11. Devemos aceitar caminheiros que ainda não tenham sido batizados? De que forma? Como os poderemos ajudar nesse seu percurso?
12. Sentes que existe preconceito e discriminação com base nas questões de género e orientação sexual? A existirem, devem ser combatidos? Se sim, que medidas podemos tomar para esse efeito?



Proposta de Dinamização

AGRUPAMENTO • REFLEXÃO

No nível local e à semelhança dos restantes níveis, os dirigentes de cada Agrupamento terão toda a liberdade para realizar a reflexão proposta como melhor entenderem, adequando-a à sua realidade e aos seus Guias.

Realçamos, no entanto, a importância deste momento de reflexão, a par da escolha dos representantes ao nível seguinte (núcleo ou região) para toda a dinâmica do ENG. Sem esta reflexão prévia, em cada Agrupamento que participe na dinâmica, toda a discussão e a construção que se seguirá fica mais pobre, se não mesmo comprometida.

NÚCLEO/REGIÃO • DISCUSSÃO

Cada Núcleo/Região tem a liberdade de escolher as dinâmicas que mais se adequem aos seus grupos e a cada uma das faixas etárias a que se dirija. Deixamos, porém, um modelo de estrutura e algumas dinâmicas tipo que podem ser utilizadas para dinamizar a discussão.

1 - Enquadramento da temática - 20 a 60 minutos (dependendo da duração do encontro)

Este momento deverá servir para verificar se a reflexão sobre o tema foi feita nos Agrupamentos e para preparar os participantes para o segundo momento de discussão.

Dinâmicas:

- Jogos
- Roleplay
- Dinâmicas com post it's

2 - Discussão - mínimo de 20 minutos por cada tópico de discussão

Pretende-se que todos os guias emitam a sua opinião e dêem voz aos elementos que representam, participando na discussão de cada um dos tópicos de discussão, tendo sempre em atenção as realidades dos seus agrupamentos e o que querem para o futuro.

Dinâmicas de conversa em plenário, dando ao grupo a oportunidade de aglutinar ideias:

- **Café do Mundo / Mesa de café** (World café / Coffee table)
- **Canto do orador** (Speaker's corner)
- **Aquário** (Fishbowl)

Nestas dinâmicas é importante a presença de um adulto por temática, cujo papel será apenas o de facilitar a discussão entre pares sobre a temática, orientando para as questões que serão importantes abordar, caso seja necessário. No entanto, em momento algum deve dar a sua visão/opinião sobre a temática. É também seu papel fazer a recolha dos pontos mais importantes que forem discutidos.

3 - Conclusões para levar ao ENG - 20 a 60 minutos

Após toda a discussão das diversas questões é importante compilar todas as conclusões para depois poderem ser transmitidas no ENG pelos representantes do nível. É importante que estas estejam estruturadas em aspetos positivos, problemas e passos para o futuro.

Dinâmicas:

- Discussão em patrulhas e apresentação.

4 - Eleição dos representantes

Dinâmica de escolha a ser definida por cada estrutura, desde que sejam eleitos pelos pares.

